

ESTADO DA ARTE SOBRE EDUCAÇÃO E SURDEZ

Dionise Bernardino do NASCIMENTO¹
Rosangela Maria da Silva MELO²
Humberto Meira de ARAÚJO NETO³

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de graduação em Pedagogia e tem como objetivo a sistematização de uma série de produções relacionadas com a temática da Educação e Surdez, amplamente discutida no cenário atual brasileiro. O levantamento se deu a partir de uma consulta na plataforma da CAPES seguindo critérios de inclusão e exclusão, utilizados no filtro de seleção disponível na plataforma. Dessa consulta, foram obtidos 21 trabalhos em formato de artigo, entre o período de 2005 a 2015. Nos artigos selecionados, a temática mais abordada foi a Inclusão, seguida de Leitura/Escrita. Os autores mais citados foram Lacerda, Quadros e Vygotsky, na mesma proporção. As abordagens representam ideias semelhantes, a saber: a importância da língua de sinais e da interação do surdo com seus pares. O conteúdo, no entanto, parece ser reprodutivo, sem apontamento de avanços significativos que possam colaborar na educação do surdo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Surdez; Inclusão; Libras.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é correlacionar alguns estudos produzidos no Brasil sobre a temática “Educação e Surdez” e constatar os subtemas que têm sido alvos de investigação no meio acadêmico. Pretendemos, também, refletir sobre quais direcionamentos são dados por estes trabalhos e de que modo essa alta produtividade acadêmica contribui para o avanço das discussões sobre essa problemática. Para isso, realizamos um mapeamento parcial dessa composição acadêmica a partir de artigos produzidos no período de 2005 a 2015, disponíveis no banco de dados da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal no Nível Superior - CAPES.

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade federal de Alagoas – UFAL. Email: dionise.bernadino@hotmail.com

²Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professora da rede particular e rede Municipal de Rio Largo. Email: rosangela_melo@hotmail.com.br

³Mestre em Linguística pela UFAL, especialista em Libras pela Universidade Cândido Mendes, graduado em Letras-Libras pela UFSC e em Jornalismo pela UFAL. Professor da Faculdade de Letras – UFAL. Email: humberto.neto@fale.ufal.br

Um dos pioneiros a lidar com a temática da educação e surdez foi Charles Michel de L'Épée, por volta de 1755, na França, o qual utilizava um método de aprendizagem para surdos intitulado “Sinais Metódicos”, que se dava por meio da associação de palavras às figuras estabelecendo uma relação para que os surdos daquela época compreendessem melhor a sua própria cultura, na qual estavam inseridos. Essa metodologia para surdo surgiu devido ao prejudicial isolamento dos surdos dentro do seio familiar, por serem considerados como loucos, marginalizados e seres desprezíveis e ineducáveis, levando-os a serem afastados do convívio social. Foi diante desta realidade e da necessidade de disseminar o seu novo método de educar surdos que L'Épée criou o primeiro “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris”.

Aqui no Brasil, a língua de sinais começou a ganhar espaço em 1857, quando Eduard Huet – ex-aluno de L'Épée - veio para o país a convite de D. Pedro II para fundar a primeira escola para meninos surdos, atualmente conhecida como INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. O INES permanece ativo, com sede no Rio de Janeiro, e trabalha com um público misto.

A priori este instituto contribuiu para o conhecimento da história da Libras para os surdos brasileiros, cujos primeiros indícios vieram a ser registrados na época da Comunicação Total, abordagem que aliava o uso da língua oral com a gestual, no período de 1980, pois, anteriormente, o que prevalecia no Brasil era somente o Oralismo Puro (leitura labial).

A partir da fundação da escola, os surdos brasileiros puderam desenvolver a própria língua de sinais, que se originou da Língua Francesa de Sinais com as formas de comunicação já utilizadas pelos surdos de vários locais do país. Diante desses fatos, inicia-se uma história de outras instituições associadas a pessoas com surdez no Brasil.

A partir de 2002, podemos perceber que o cenário educacional voltado para pessoas surdas tem se modificado de modo notável, graças à oficialização da Língua Brasileira de Sinais – Libras, por meio da Lei 10.436/2002 e do Decreto 5.626/2005. Ambos os documentos possuem, dentre outros objetivos, o intuito de difundir a Libras e fomentar pesquisas na área da surdez, no entanto, há uma preocupação maior por parte do poder público em promover a garantia e o acesso pleno à educação pela pessoa surda.

Os efeitos dessa política nacional já se refletem no meio acadêmico. Nos últimos anos, o número de estudos relacionados à educação e surdez tem crescido consideravelmente. Observa-se, no entanto, que na contramão desse crescimento, algumas abordagens acerca do processo educacional de surdos permanecem inalteradas.

Metodologia

O levantamento desse estudo se deu por meio de coleta no banco de dados disponível no site da CAPES, com acesso no dia 09 de abril de 2015. As entradas selecionadas para o fim dessa pesquisa foram “educação” e “surdez”, das quais foram gerados resultados posteriormente refinados pelos critérios de inclusão e exclusão, exibidos na Figura 1. A busca foi concentrada num período de 10 anos (2005 a 2015), com material em formato de artigo. Como resultado, 22 publicações foram coletadas e apenas um artigo foi eliminado, por discutir memória e cognição, divergindo do delineamento aqui proposto.

Refinar a busca		
Incluir	Excluir	Tópico
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	deafness (46)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Education (31)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Special Education (24)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	educação especial (24)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Social Sciences (18)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Educação (17)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Linguagem (10)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Language (10)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Brazilian Sign Language (10)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Sign Language (8)
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Língua Brasileira De Sinais (8)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Writing (8)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Redação (6)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Fonoaudiologia (4)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Evaluation (4)
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	Speech (4)

Figura 1: critérios de inclusão e exclusão
Fonte: Site da CAPES (2017)

Os critérios objetivam um melhor delineamento teórico que considera a surdez numa perspectiva sociocultural e a educação de surdos numa abordagem bilíngue (SANTANA, 2007). Ambos os direcionamentos compreendem a surdez como sendo biologicamente favorável para a aquisição de uma língua visuoespacial, preservando o sujeito apto para a aprendizagem de uma língua oral na modalidade escrita, sem obrigatoriedade de oralidade (CAPOVILA, 2012).

A partir dessa coleta, com o objetivo de sistematizar a produção do conhecimento produzido no período, ambiente e critérios selecionados, realizamos a revisão literária das temáticas resultantes. Conforme procedimentos comumente adotados em pesquisas de estados da arte, direcionamos a análise considerando resumo, título, palavras chaves, ano de publicação e referências bibliográficas dos artigos selecionados.

Resultados

85

A pesquisa constata um interesse acadêmico que envolve diferentes elementos e temáticas sobre educação voltada ao campo da surdez, quais sejam: inclusão; desenvolvimento da linguagem; relação da língua de sinais com a escrita; práticas pedagógicas; dificuldades e impedimentos do ingresso do surdo no campo escolar; letramento; e relação família/escola.

O resultado da coleta revela um número mais significativo de produções que abordam a problemática da inclusão. De acordo com as datas de publicação, o assunto está presente durante todo o período selecionado para a coleta, o que sugere uma constante preocupação pela temática. A finalidade em tratar do assunto é promover uma ideia de educação igualitária, independente da condição do aluno. Conforme Ross(2006, p.283):

[...] o professor que acredita na inclusão é um organizador de desafios, valorizador das interações e não um pregador de um salvacionismo a ser operado a partir da escola [...] visto que, o processo de inclusão é atender as necessidades dos alunos, respeitando-se suas diferenças individuais[...].

A escola, por sua vez, precisa ser inclusiva, a fim de garantir educação de qualidade a todos que queiram efetivar matrícula. Com o aluno surdo não é diferente, a instituição de ensino que possui aluno surdorequisita um projeto igualitário em atendimento abrangente e alcance do desenvolvimento desse aluno, independentemente de suas particularidades. Sabemos que essa inclusão está longe de ser alcançada, pois ainda existem dificuldades que precisam ser superadas, uma vez que “preocupa alguns pais - de que a convivência com alunos com deficiência poderia trazer dificuldades para outras crianças sem deficiências. Pesquisadores e professores experientes afirmam que não há prejuízo nessa convivência”. (LIMA, 2006 p 32-33). Pesquisadores e professores experientes afirmam que não há prejuízo nessa convivência. O objetivo a ser conquistado é o da construção de uma educação inclusiva – inclusão esta, “que propõe modificação da sociedade para torná-la capaz de acolher a todos” (LIMA, 2006, p. 24), com a contribuição da escola, que tem que reestruturar seus espaços educativos para atender a diversidade, uma vez que o termo inclusão nos remete às necessidades educacionais dos sujeitos como um problema social e não apenas particular.

86

Na verdade, é um processo desafiador tanto para o educador como para o educando, porém, mesmo que entendamos que a sociedade está construindo um processo inclusivo, ainda produz exclusão, e é a partir da construção de uma sociedade que interaja e conviva com pessoas com surdez que poderemos pensar em inclusão para este público.

Retomando a análise, além da finalidade dos trabalhos ser comum, outros aspectos também se apresentam de modo semelhante, como por exemplo: a participação da família nesta educação; a necessidade de o sujeito constituir sua identidade; a necessidade de capacitação de professores, geralmente mencionada como umas das principais dificuldades enfrentadas no processo educacional (BUENO, 1999).

A partir dessa constatação à educação inclusiva da pessoa surda, observa-se que “[...] a educação organiza-se de maneira a promover as diversidades humanas na medida em que as necessidades e possibilidades sociais assim o permitam[...].” (ROSS, p.275).

Segundo Pacheco (2007) e Tessaro (2005), a educação inclusiva se enquadra como compromisso étnico político, entendida como sendo direito de todos e devendo ser garantida.

Podemos ver isso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que traz em seu capítulo V a garantia do direito de todos à educação.

Além dos trabalhos inscritos sobre a inclusão, outras temáticas foram contempladas, conforme mostra a Figura 2:

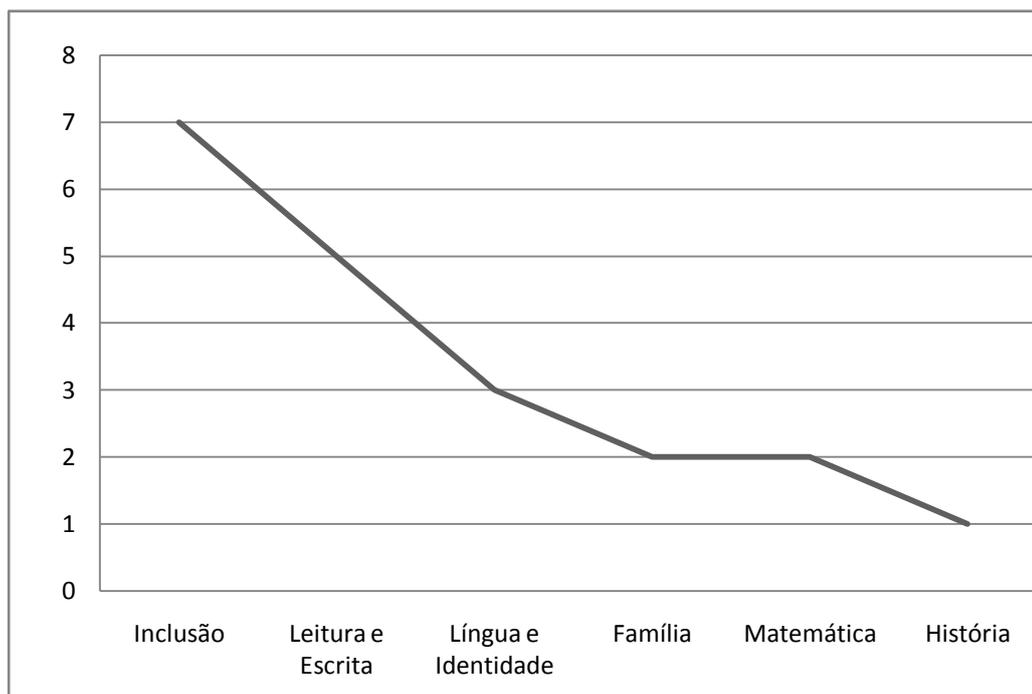


Figura 2: temáticas destacadas
Fonte: Autoria própria (2017)

Percebe-se que, logo abaixo da inclusão, o assunto mais debatido é leitura/escrita. Tal problemática é um dos principais desafios do processo de escolarização de crianças surdas, uma vez que:

A língua de sinais, como língua natural do surdo, é viso-espacial [...], apresentando uma gramática própria, diferente do português oral ou escrito.

Mesmo quando a pessoa a surda é oralizada, a dificuldade permanece, porque o seu português falado não corresponde ao português falado pelo ouvinte; é necessário considerar, ainda, que existe uma grande distância entre a linguagem oral e a linguagem escrita para ambos. (LIMA, 2006, p. 60).

No entanto, os artigos enfatizam a língua e a identidade do surdo como convenientes da discussão que abrange esta temática. Dentro dos artigos analisados, percebe-se que a dificuldade do surdo na aprendizagem da leitura e escrita e o insucesso do desenvolvimento desta linguagem ocorre devido ao despreparo da família, que poderia estimular as atividades da escola em casa, mostrando ao surdo que ele é capaz, e da escola, transmitindo conhecimentos na Libras. Tais instituições são essenciais para colaborar com um melhor desempenho da leitura e escrita. Portanto, segundo os artigos, para que aconteça uma aprendizagem eficaz, a língua de sinais deve ser adquirida pelo sujeito surdo como primeira língua.

A Libras para a comunidade surda é uma língua que pode ser adquirida de forma espontânea e que pode servir como suporte para que se aprenda a segunda língua (falada/ escrita), porém, a crítica presente se refere às crianças surdas nascidas em famílias de pais ouvintes que não têm acesso à língua visuoespacial, já que,

Os pais ouvintes, em geral, desconhecem a linguagem de sinais e apresentam maiores dificuldades para encontrar um modo adequado com o filho e para compreender as experiências vividas por ele. Em geral, eles não sabem a Libras e buscam introduzir a criança à linguagem oral. Quando essas crianças passam a dominar melhor as habilidades da linguagem oral são chamadas de surdos oralizados. Os surdos que apresentam menores habilidades nesse domínio são chamados de não oralizados. (LIMA, 2006, p. 60).

Ou seja, na prática, o surdo não participa do processo de integração social devido à língua oral ser uma imposição social dos ouvintes, pois possuem a língua majoritária (oral), mais estabelecida na sociedade.

Percebe-se, porém, que a criança surda tem acesso à Libras tardiamente, pois as escolas e em alguns casos os próprios pais não oportunizam o encontro do adulto surdo com a criança surda, isto é, para que a criança possa adquirir uma linguagem mais eficiente. No entanto, é preciso que a criança surda seja colocada de forma precoce junto aos seus pares (adulto surdo

ou ouvinte fluente em Libras), dado que, “interagir com outros sujeitos e construir a sua linguagem é condição imprescindível para que o indivíduo possa apropriar-se da cultura e se construir como sujeito”. (LIMA, 2006, p. 63).

Os pais precisam conhecer e se aperfeiçoar na língua de sinais para que haja comunicação com seu filho e as escolas precisam ter professores qualificados afim de garantir o sucesso escolar da criança. Porém, se observa que este é um desafio para os profissionais que buscam a inserção do surdo na rede regular de ensino.

Por fim, a segunda temática de maior relevância nesse resultado menciona a dificuldade da família na aceitação do surdo, quando esta é composta de pais ouvintes. Essa dificuldade dos membros da família implica no direcionamento que será dado à forma de comunicação com a criança surda. Segundo Hinde (1987, *apud* Dessen; Silva, 2004, p.353):

O desenvolvimento do indivíduo depende crucialmente das relações que estabelece com os outros, cujas influências são internalizadas, afetando seu comportamento manifesto. Os valores as normas e outros aspectos da estrutura sociocultural tornam-se, então, parte dos indivíduos. No entanto, para que esses vínculos sejam estabelecidos de modo eficaz, tanto no que concerne aos significados quanto ao desenvolvimento psicoafetivo e cognitivo, é que pais e filhos partilhem do mesmo canal de comunicação.

Essa falta de aceitação da família impede, na maioria das vezes, que o filho (a) com surdez obtenha autonomia. O uso da Libras pela família pode ser um indicativo de aceitação, por isso, faz-se necessário propor políticas públicas que possam dar suporte às famílias, de modo que elas possam acompanhar o desenvolvimento dessa criança.

As demais temáticas abordadas pelos artigos, conforme mostra a figura 2, não trouxeram contribuições relevantes para o desenvolvimento deste trabalho, visto que, retrataram problemáticas que divergiam do assunto em discussão.

Sobre a fundamentação teórica para as produções coletadas durante o período selecionado, temos alguns nomes mais comuns nos artigos, conforme a Figura 3:



Figura 3: Autores mais citados
Fonte: As autoras

Percebemos, com base no quadro acima, que Lacerda é uma das autoras mais citadas nos artigos analisados. Sua formação se enquadra na área de fonoaudiologia com ênfase em surdez; com publicações que destacam atuação do intérprete dentro da sala de aula e as diferentes concepções de linguagem na perspectiva da fonoaudiologia, transitando pelo território da inclusão. A autora é campeã do 56^a Prêmio JABUTI área de Educação com o livro "Tenho um aluno surdo e agora?".

90

Quadros, outra autora mais citada, iniciou sua carreira atuando como professora e coordenadora pedagógica em uma escola de surdos, porém, seu objetivo se tornou estudar os aspectos linguísticos da Libras. Seus trabalhos aparecem, normalmente, em torno da temática da Aquisição da Linguagem aliada ao uso da língua de sinais.

Nos artigos coletados, de um modo condizente com o histórico de publicações da autora, há a utilização do seu nome como referência para discutir, principalmente, a aquisição da linguagem do surdo diante de um ambiente linguístico desfavorável, conforme trecho de um dos artigos selecionados:

Um dos grandes obstáculos no aprendizado da leitura e da escrita pelas crianças surdas resulta na ausência de uma base linguística consolidada [...] ter nascido em lares de pais ouvintes, que usam o português oral e que desconhecem a língua de Libras. (QUADROS, 1997, p.70).

Outro autor com o mesmo número de menções foi Vygotsky, psicólogo pioneiro no desenvolvimento intelectual das crianças, que segundo ele, é um processo contínuo em função das interações sociais e condições de vida. Essa perspectiva se confirma no seguinte trecho: “[...] os alunos devem interagir para se desenvolver. “Com aluno surdo isso não é diferente, ele deve manter relações com outros alunos sem deficiência, pois só assim ele poderá desenvolver-se” (VYGOSTKY, 2014 *apud* VARGAS.J.; GOBARA.S.T, 2014, p.449).

Os demais autores, apesar de também contribuírem para fundamentar os estudos, não possuem quantidade de referências suficientes para serem destacadas nesse trabalho.

Análise e Discussão

Com a análise dos artigos, observa-se que as temáticas destacadas estão relacionadas com a preocupação de que o aluno surdo se sinta inserido dentro do espaço educacional e da sociedade. Determinadas temáticas se apresentam de forma reprodutiva sem apresentar soluções ou avanços que sejam relevantes para a problemática da educação do surdo no nosso contexto. Em alguns dos trabalhos revisados, os dados foram coletados por meio de pesquisas qualitativas e quantitativas desenvolvidas por seus autores, envolvendo pais, professores e abordando várias discussões sobre as dificuldades do processo de inclusão e o uso da Libras nos meios formal e informal. Revela-se que esses personagens não estão preparados para enfrentar tamanha problemática de inclusão devido ao despreparo da sociedade em lidar com essa situação.

Diante deste panorama, a inclusão aparece de forma preocupante, pois sua problemática em relação à identidade do surdo e sua inserção na sociedade ouvinte é um ponto que necessita de discussão, tendo em vista a base linguística oral predominante, majoritária e excludente. Os artigos dialogam na mesma proporção, no sentido de apontar o surdo como detentor de uma língua sinalizada, mas ocorre, nas práticas escolares e familiares, de haver direcionamento a aprender a linguagem oral como primeira língua, o que dificulta sua evolução nesse processo educacional.

Boa parte dos estudos, a partir do nosso mapeamento, apontaram que poucos professores possuem habilidades, conhecimento e acesso às discussões relacionadas ao surdo e a Libras, principalmente no que diz respeito à parte teórico-metodológica do ensino de crianças surdas, considerando suas particularidades de primeira e segunda língua, o que gerou forte discussão trazendo consigo as dificuldades apresentadas pelos pais em aprimorar a inserção do surdo no espaço educacional e sociedade. Esta é uma realidade que persiste. Na rede regular de ensino, os números de professores que sabem se comunicar com os alunos surdos, são raros. Isso traz consigo, de forma direta e indireta, um afastamento desse alunado.

De fato, a maioria das escolas regulares não tem um ambiente e nem professores preparados para receber o aluno surdo, fazendo o professor realizar atividades com uma comunicação bimodal, ou seja, fala aliada com alguns gestos das mãos, visto que, a escola tem o dever de educar cada criança e buscar adequar uma política de inclusão dentro do ensino.

A língua de sinais, como vimos, é uma realidade que condiz com o surdo, o auxilia no seu espaço de convivência social para uma relação clara e aberta com a sociedade habitual ou pedagógica nas relações de desenvolvimento e aprendizagem nas áreas obrigatórias para educação do surdo.

Outro ponto relevante, além da inclusão, é a questão da formação da identidade do sujeito, o que nos leva a refletir sobre a importância da base linguística (por sinal, conturbada e complexa) na trajetória do sujeito surdo, devido à falta de conhecimento da Libras no seio familiar e na escola.

Em outra pesquisa com crianças ouvintes, observamos que essa relação de inclusão com o surdo na mesma sala de aula os ajudava no conhecimento da Libras e facilitava a comunicação com o seu colega de classe e com a intérprete, acrescentando uma língua no processo de aprendizagem. Partindo disso, os alunos ouvintes romperam a barreira comunicacional com seus colegas, gerando, de forma espontânea, uma relação de respeito à Libras e ao surdo, mesmo diante de questionamento de alguns pais que acreditavam que essa inclusão poderia vir a prejudicar o desenvolvimento da aprendizagem das crianças ouvintes.

Para a sociedade, o uso da língua de sinais no processo educacional acaba gerando dificuldades no desenvolvimento da leitura e escrita, cabendo ao surdo se adequar a esse meio oralista de comunicação que, segundo Skiliar (1997 p. 585), “é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria linguística (os ouvintes) sobre uma minoria linguística (o surdo)”, pois, ao fazer a leitura labial do que falamos, um surdo detecta, no máximo, 25% da fala produzida, por melhor leitor que seja. Contudo, muitas vezes, no diálogo com os ouvintes, o surdo simula uma compreensão, a fim de evitar maiores exposições (LIMA, 2006 p. 62).

O método oralista de ensino surgiu devido à importância do desenvolvimento linguístico do surdo e objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente, integrando-se como membro produtivo ao mundo dos ouvintes (CAPOVILLA, 2006, p.1481). Entretanto, quando se fala em abordagem oralista se tem como objetivo a aquisição da linguagem oral, mas a facilitação da interação social do surdo na sociedade deixa de ser uma língua de modalidade audioverbal e passa a ser uma língua de modalidade visuogestual (SANTANA, p.156).

As dificuldades do surdo em ter a língua oral como primeira língua no ambiente escolar e o acesso à língua de sinais de um modo subsequente gera um desconforto no desenvolvimento da escrita. Esse panorama deixa claro que quanto mais cedo o acesso a Libras o surdo tiver, melhor será seu desempenho na linguagem escrita.

Por fim, a participação da família é citada em todas as etapas da educação do surdo, sempre com destaque, já que ela é tida como um espaço primordial e de suma importância, uma vez que, ao nascer, é o primeiro ambiente de interação da criança surda, o que reforça a tese de que é necessário aos pais ouvintes que venham a ter filhos surdos adquirir um conhecimento do uso da Libras, a fim de auxiliarem no crescimento do seu filho(a) e, junto à escola, constituírem um desenvolvimento da língua/escrita do surdo.

Conclusão

Levando em consideração os 21 artigos selecionados, constatamos que estes ressaltam uma linha de abordagem predominantemente relacionada à inclusão do surdo no contexto educacional, destacando o papel da Libras no processo de aprendizagem. Nesses trabalhos, a inclusão aparece de forma expansiva, ou seja, sua discussão vai além da escola e alcança o âmbito familiar.

A falta de interação e aceitação entre os pais e os filhos surdos, na qual pais ouvintes com crianças surdas não reconhecem a importância da Libras e desenvolvem com o surdo uma comunicação baseada na linguagem da fala e audição, trazendo um grande problema de socialização nas escolas, devido às lacunas provocadas por não conhecerem a sua língua habitual.

Dentre outras questões, os artigos apresentam problemáticas diretamente relacionadas com o espaço de sala de aula, a saber: dificuldades de aprendizagem, sendo estas respaldadas por outros autores em comum dentre os artigos; métodos de ensino; falta de conhecimento do uso da Libras; relação da língua de sinais com a escrita; dificuldades na prática pedagógica etc. Essas problemáticas transcorrem devido ao acesso tardio do surdo à Libras, o que poderia ser evitado de um modo a contribuir para a autonomia desses sujeitos.

Nos artigos aqui mapeados, foi visto, também, a importância do conhecimento sobre o sujeito surdo por parte dos professores, ressaltando os obstáculos enfrentados em sua escolarização. Há, além disso, questionamentos diversos sobre o modo como a escola realiza a inserção do surdo dentro da sala de aula, considerando os diversos partícipes desse processo.

Portanto, a compreensão que obtivemos nesse processo foi a grande demanda relacionada à dificuldade da inclusão do surdo, visto que, apesar de ser tão debatida, está longe de ser efetivada. Em geral, os artigos mapeados apontam discussões que não apresentam soluções contributivas para uma mudança de paradigma, destacando as lacunas que firmam em torno da temática da inclusão.

Referências

BARBOSA, Heloiza H. **Habilidades matemáticas iniciais em crianças surdas e ouvintes.** Cad.Cedes, Campinas, v. 33, n. 91, p. 333-347, set-dez. 2013. Disponível em: <HTTP://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 04 out.2015.

BERBERIAN, Ana Paula, et al. **Surdez e linguagem escrita: um estudo de caso.** Ver. Bras Ed. Esp., Marília, v.13, n.2, p 2005-218, maio-ago. 2007.

BUENO, J. G. S. **Crianças com Necessidades Educativas Especiais, Política Educacional e a formação de Professores: Geralista ou Especialista.** José Geraldo Silveira Bueno.

CAPORALI, Sueli Aparecida. et al. **A Língua de Sinais Constituindo O surdo como Sujeito.** Educ.Soc.,Campinas, vol.,n.91,p.583-597, maio/ago.2005.

CÁRNIO, Maria Silvia. et al. **Análise da Flexão Verbal de tempo na escrita de surdos sinalizadores.** Ver. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.2, p.233-250, maio-ago.2009.

CRATO, eat. **Análise da Flexão Verbal de Tempo na Escrita de Surdos Sinalizadores.** Rev.Bras.Ed.Esp.,Marília.v.15,n 2, p233-250-Agos.,2009.

DIAS, Tércia Regina da Silveira. et al. **Trajatória escolar do surdo no ensino superior: condições e possibilidades.** Ver. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.1, p.65-80, jan-abr.2009.

Disponível em: http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Page348.htm. Acesso em: 27 jun.2016

FIGUEIREDO, Luiciana Cabral. et al. **Surdez e Letramento: Pesquisa com surdo universitário de Curitiba e Florianópolis.** Ver. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.1, p.99-120, jan-abr.2009.

FREITAS, Hilda Rosa Moraes. et al. **Metas e estratégias de socialização que mães de crianças surdas valorizam para seus filhos.** Ver. Bras. Ed. Esp. Marília, v. 19 n. 4, p. 545-562. Out-dez, 2013.

KELMAN, Celeste Azulay. et al. **Surdez e família: Facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue.** Linhas Críticas, Brasília, DF. v. 17. n. 33. p.349-365. maio/ago. 2011.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo.** Ver. Bras. Ed. Esp., Marília, vol.13, n.2, p.257-280, maio-ago.2007.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social.** São Paulo: Avercamp, 2006.

LOPES, Ederaldo José. et al. **Estudo das habilidades de memória e raciocínio simbólico e não- simbólico de crianças e adolescentes surdas por meio da bateria padrão do universal nonverbal intelligence test.** Ver. Bras. Ed. Esp., Marília, v.16, n.1, p.83-94, jan-abr.2010

LOPES, Mara Aparecida de Castilho. et al. **Concepções de surdez:** A visão do surdo que se comunica em língua de sinais. Rev. Bras. Ed. Esp. Marília. v. 17. n. 2, p. 305-320, Mai-Ago, 2011

MALLMANN, Fagner Michel. et al. **A inclusão do aluno surdo no ensino médio e ensino profissionalizante:** Um olhar para os discursos dos educadores. Ver. Bras. Ed. Esp. Marília. v. 20. n. 1. p. 131-146. Jan-Mar. 2014

MARQUES, Hivi de Castro Ruiz. et al. **O ensino da língua brasileira de sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas:** Considerações com base na psicologia histórico-cultural. rev. Bras. Ed. Esp., Marília. v. 19. n. 4. p. 503-518. Out- Dez. 2013

MOTTI, Telma Flores Genaro. et al. **Intervenção com pais de crianças deficientes auditivas:** Elaboração e avaliação de um programa de orientação não presencial. Ver. Bras. Ed. Esp. Marília. v. 16, n. 3. p. 447-462. Set-Dez. 2010

MOTTI. eat. **Intervenção com pais de crianças deficientes auditivas:** elaboração e avaliação de um programa de orientação não presencial. Rev. Bras. Ed. Esp., v. 16, n. 3, dez., 2010.

OMETE, Sadão. **Conhecimento de professores sobre perda auditiva e suas atitudes frente à inclusão.** Rev. Cefac. 2010. jul-ago.

PACHECO, Jose Francisco de Almeida. et al. **Caminhos para Inclusão:** Um guia para o aprimoramento da equipe escolar.- Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEIXOTO, Renta Castelo. **Algumas Considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda.** Cad. Cedes, Campinas, vol.26, n.69, p.205-229, maio/ago.2006

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: Aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 04 out.2015.

ROSS, Paulo Ricardo. **Aprendizagem e conhecimento:** fundamentos para as práticas inclusivas- Perspectiva, Florianopolis, v 24 n. Especial, 2006.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas/** Ana Paula Santana - São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, César Augusto de Assis. **Igreja Católica e Surdez: Território, Associação e Representação Política.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(1): 13-32, 2012.

SANTANA, Ana Paula de Oliveira. et al. **As práticas de letramento na escola e na família no contexto da surdez : reflexões a partir do discurso dos pais e professores.** Ver. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.2, p.251-268, maio-ago.2009

SOFIATO, Cássia Geciauskas. et al. **Justaposições: O primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz.** Ver. Bras. Ed. Esp. Marília. v. 18 n. 4. p. 569-586. Out-Dez. 2012

TESSARO, Nilza Sanches; **Inclusão Escolar: concepções de professores e alunos da educação regular e especial.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

VARGAS, Jaqueline Santos. et al. **Interações entre o aluno com surdez, o professor e o intérprete em aulas de física: Uma perspectiva vygotskiana.** Ver. Bras. Ed. Esp. Marília, v. 20, n. 3, p. 449-460. Jul-set, 2014